



## LITERATURA NEGRA e seu contexto britânico

Thomas Bonnici<sup>1</sup>

O principal eixo de frustração está no que acontece entre o Caribe e o Reino Unido – especialmente o RU. [...] Não há outra sociedade sobre a Terra que possa [...] transformar você num negro em oito horas, antes que você tenha deixado o Terminal 3 (Caryl Phillips in NASTA, 2004, p. 122).

169

Um dos fatos mais surpreendentes na literatura britânica contemporânea consiste não apenas na quantidade de escritores ‘negros’ dedicados à narrativa ficcional, mas na sua importância no contexto literário. Pode-se dizer que, a partir de 1950, o surgimento de um conjunto de escritores caribenhos, nigerianos, sul-africanos, quenianos, indianos, bangladeshianos e outros tem dado um vigor novo e diferente à literatura britânica e à literatura escrita em inglês. No contexto de uma sociedade multirracial e, acima de tudo, supostamente multicultural, os autores ‘negros’ têm privilegiado em suas narrativas e em seus ensaios a problemática da hegemonia racial, da miscigenação, das tensões entre a ideologia dominante e a convivência da população marginalizada e das negociações entre as personagens. Para muita gente, este fato é algo incompreensível e de difícil assimilação. Devido à extensão de seu Império e a consequente superioridade cultural imperial e por um sutil esquecimento histórico, a população do Reino Unido sempre se julgou eminentemente branca com uma missão (“o fardo do homem branco”, poetizado no auge do Império Britânico, por Rudyard Kipling, em 1899) de transmitir, com trágicas consequências, a civilização europeia.

---

<sup>1</sup>Thomas Bonnici é professor da Universidade Estadual de Maringá-PR.

Durante séculos, a consequência da arrogância britânica gerou a invisibilidade das culturas ‘nativas’, praticamente todas ágrafas, o cancelamento das manifestações literárias nas colônias e o difícil reconhecimento da literatura produzida por sujeitos diaspóricos e ex-colonizados e publicada, na maioria das vezes, em solo britânico. Agrava-se mais esta situação quando se analisam os romances contemporâneos: enquanto os autores britânicos brancos sempre retratam personagens brancas e praticamente jamais mencionam a existência de pessoas de cor diferente ou de outras ‘raças’ agindo em território britânico, falsificando a tessitura da sociedade inglesa, a literatura ‘negra’ britânica revela, com insistência e convicção, a interação entre as populações ‘negras’ e brancas nas grandes cidades da Inglaterra. Neste capítulo problematiza-se e analisa-se a Literatura Negra Britânica especialmente a partir de meados do século 20 para que a obra de Andrea Levy (nascida em 1956, em Londres) possa ser compreendida com uma contribuição ao surgimento de uma literatura criativa nova que põe em evidência o ‘eu-enunciador negro’ tantas vezes silenciado e colocado na invisibilidade.

A Literatura Negra Britânica é a literatura escrita em inglês por sujeitos diaspóricos oriundos do Caribe, Guiana, Índia, Sudeste Asiático, África e outros povos do ex- Império Britânico, ou por seus descendentes nascidos e educados na Inglaterra. O termo *Literatura Negra Britânica* é sujeito à forte problematização, a qual inclui a superação do termo *Commonwealth Literature*, o real significado de literaturas em inglês, e a viabilidade de categorização de uma heterogeneidade de textos, frequentemente escritos em variedades de inglês. Todos estes termos dizem respeito a questões políticas envolvendo a exclusão e a inclusão. A possibilidade de este termo gerar mais a discriminação racial como muitos autores brasileiros (PROENÇA FILHO, 2004; BERND, 1990; IANNI, 1988; ASSIS DUARTE, 2010) alegam quando referem à literatura brasileira, não parece ser de grande importância no âmbito da Literatura Negra Britânica, como os livros de Stein (2004), McLeod (2004) e Gunning (2010) atestam. Estes autores salientam mais a distinção entre Literatura Negra Britânica e Literatura Pós-colonial e a distinção entre aquela e a Literatura Britânica Asiática, embora haja certa semelhança entre os temas debatidos, como a subalternância, a outremização, o sincretismo, a ambivalência, a mímica, o hibridismo e outros.

Diferente da situação no Brasil onde a Literatura Negra “é ainda minoritária [...] em termos de autores que a ela se dedicam e do interesse que desperta na crítica e na academia” (VAN DIJK, 2008, p. 90), a Literatura Negra Britânica é lida extensivamente, antologizada, traduzida em vários idiomas e transformada em filmes. Nas últimas décadas seus autores conseguiram prêmios literários inimagináveis quando o queniano Tutuola e o nigeriano Achebe, por exemplo, começaram a publicar na década de 1950. Todavia, ela não se encontra sistematicamente nos currículos universitários, não tem um professorado numeroso proporcional ao prestígio dado nem todas as casa editoras inglesas optam facilmente a publicar obras de autoria negra.

Há evidências de pequenos grupos de soldados negros na Inglaterra junto com o exército romano defendendo o muro do Imperador Hadriano na divisa entre a Inglaterra e a Escócia desde o segundo século da nossa era (SHERWOOD, 2010; REWT, in BENSON & CONOLLY, 1994; OLIVER & FAGE, 1977; BLAIR, 1969). Edwards (1990) pesquisou a presença de escravos negros na Irlanda em 862 após as invasões dos Vikings em Andaluz e no Maghreb. A composição da população britânica no primeiro milênio desmente a alegada homogeneidade anglo-saxã e favorece uma interpretação mais aberta diante de descobertas arqueológicas recentes, especialmente em York, onde num cemitério romano 66% dos esqueletos eram semelhantes a europeus, 23% a africanos subsaarianos e 11% a egípcios (MOORE, 2004). No século 16 encontram-se vários documentos evidenciando a presença de negros na Inglaterra (WALVIN, 1973).

Em novembro de 1501, Catarina de Aragona, a futura esposa do rei da Inglaterra, chegou em Londres com um cortejo de escravos africanos. Na pintura de 1512, intitulada “Great Tournament Roll of Westminster”, encontra-se um trombeteiro negro, provavelmente John Blanke, um músico pago pelos cofres reais. Embora grupos de músicos negros livres entretivessem a rainha Elizabete I e Jaime I e muitos ingleses os tivessem como servos em casa, havia dois decretos, datados de 1596 e 1601, expulsando-os, sem sucesso, da Inglaterra. Contando quase 15,000 negros, Londres, na opinião da rainha, abrigava negros demais e eles não podiam ficar no reino. Provavelmente a pretexto de muitos deles serem muçulmanos e não protestantes e atribuindo-lhes vários problemas sociais, a rainha os considerava indesejáveis (FILE; POWER, 1981; SLACK, 1995; WALVIN, 1973). Não somente o negociante John Lok levou a Londres quatro negros da atual Gana em 1555 para servir como interpretes, mas da capital britânica saíram os navios de John Hawkins em 1562 para se integrarem ao tráfico negreiro com a autorização da rainha Elizabete I, a qual forneceu dois navios (DABYDEEN et al., 2010). O envolvimento da família real britânica e o lucro oriundo desse empreendimento estimularam ao longo do tempo a formação de companhias reais para este fim, o crescimento de outros portos como Bristol e Liverpool, o incentivo de grandes bancos, a participação em ações de vários membros do Parlamento e a compra de propriedades no Caribe. Todos esses empreendimentos serão o arrimo da riqueza britânica durante trezentos anos.

Narra-se sem detalhes que havia 200 atendentes negros que acompanharam William de Orange em sua chegada na Inglaterra em 1688 (MacKEITH, 2003). Trazidos das fazendas holandesas na América, eles “caminhavam ao lado do cavalo [do rei]. Vestiam mantas bordadas e enfeitadas com peles brancas e tinham chapéus com penas brancas”. Quase nada se sabe destes negros do século XVII, nem do negro Blanke acima mencionado, nem de Philip Scipio, “o servo negro de Lady Lucy Morice”, enterrado no dia 10 de setembro de 1784 na igreja de Werrington, Devon. Nada se sabe do negro

Peter Lynn, propriedade de Seth Hawleys, batizado em 1642 na igreja de St Margareth em King's Lynn; ou de Jeremiah, batizado na igreja de South Lynn, em 1673, ou de Mary Negro, batizada na igreja de St. Stephen, Exeter em 1689. Registros de centenas de negros ainda existem, embora apenas o nome apareça, sem nenhuma outra identificação pessoal – indicativo da extreme outremização do negro e do escravo (DABYDEEN et al., 2010). Nenhuma escrita foi deixada por estas pessoas provavelmente oriundas da África ou do Caribe, exceção feita de alguns depoimentos sob juramento como o de Jacques Francis, um escravo da Guiné, na África ocidental, embora tais depoimentos de escravos negros sempre fossem considerados suspeitos.

Várias cidades do Reino Unido, como Birmingham, Bristol, Exeter, Glasgow, Lancaster, Liverpool, Londres e Plymouth, que tiveram participação ativa, embora diferenciada, no tráfico negreiro ou relacionado a ele, hoje em dia revela contingentes variados de populações 'negras'. O censo de 2005 mostrava uma população 'negra' britânica de 4.0% do total de sessenta milhões de habitantes. Em Londres vivem 40% da população negra britânica com grandes contingentes nos bairros de Lewisham, Lambeth, Brent, Hackney, Southwark e Newham. Este fato transformou a capital britânica como o centro de cultura negra no Reino Unido e na Europa. Famosas por sua história escravagista, enquanto Bristol, com 430.000 habitantes, atualmente conta com 15% de 'negros' desta população, Liverpool, com 450.000 habitantes, tem 10% de sua população considerada 'negra' e conta com a presença mais antiga de 'negros' no Reino Unido devido à sua participação portuária e econômica no tráfico negreiro.

172

Foi devido à escravidão praticada pelos ingleses que se evidencia a presença silenciada de negros desde o século XVI até o século XVIII, especialmente das mulheres escravas. Todavia, foi esta mesma causa que deu início à literatura negra britânica no século XVIII com *A Narrative of the Uncommon Sufferings, and Surprising Deliverance of Briton Hammon, A Negro Man*, de Briton Hammon, publicado em 1760; *A Narrative of the Most Remarkable Particulars in the Life of James Albert Ukawsaw Gronniosaw, an African Prince, as Related by Himself*, de Ukawsaw Gronniosaw (c. 1710-1775) publicado em c. 1770; *Letters of the Late Ignatius Sancho*, de Ignatius Sancho (1729-1780), publicado em 1782; *The Interesting Narrative of the Life of Olaudah Equiano, or Gustavus Vassa, the African, written by Himself*, de Olaudah Equiano (1750-1797), publicado em 1789; *Thoughts and Sentiments on the Evil and Wicked Traffic of the Slavery and Commerce of the Human Species*, de Ottobah Cugoano (c. 1757 – c. 1803), publicado em 1787; *The History of Mary Prince, A West Indian Slave*, de Mary Prince (1788-1833), publicado em 1831, no qual há a *The Narrative of Louis Asa-Asa, A Captured African*, onde se relata a vida de Louis Asa-Asa (c. 1830); *Wonderful Adventures of Mrs. Mary Seacole in Many Lands*, publicado em 1857. Semelhante à literatura da escravidão e da liberdade nos Estados Unidos (GATES JR.; McKAY, 1997),

a literatura escrita por Negros no Reino Unido se caracteriza pela procura da identidade, pela insistência da liberdade, pela indagação sobre a degradação causada pelo racismo e pela denúncia da constante objetificação e exclusão.

Devido à outremização, à degradação e ao analfabetismo em que os sujeitos colonizados foram relegados pelos colonizadores do Império Britânico, a literatura em inglês produzida nas colônias ou foi suprimida ou ignorada durante todo o século 19 e início do século 20 (SAMPSON, 1979). O jamaicano Claude McKay (1889-1948) e a ativista e feminista jamaicana Una Marson (1905-1965) foram os primeiros autores negros que emergiram nas décadas 1920 e 1930 no Reino Unido. McKay se destaca pelos seus poemas publicados no jornal revolucionário *Workers' Dreadnought*; a segunda se destaca por seus livros de poemas *Tropic Reveries*, *Heights and Depths* e *The Moth and the Star*, publicados respectivamente em 1930, 1931 e 1937, e sua peça teatral *Pocomania*, publicada em 1938. Ademais, nessa época, o eu-enunciador negro britânico se expressava na literatura (no sentido mais amplo) em língua inglesa através dos futuros escritores e políticos negros, como Cyril Lionel Robert James (Trinidad, 1901-1989), Jomo Kenyatta (Quênia, 1894-1978), Hastings Banda (Malawi, 1896-1997), Marcus Garvey (Jamaica, 1887-1940), George Padmore (Trinidad, 1903-1959) e Edward Ricardo Braithwaite (Guiana, 1920-), os quais chegaram ao Reino Unido antes da II Guerra Mundial. Eles contribuíram com várias obras ficcionais e não-ficcionais, destacando-se as denúncias contra a política colonial britânica. Respectivamente em 1936 e 1938, o trinidadiano C.L.R. James (1901-1989) publicou o romance *Minty Alley* e *Black Jacobins*, a história da revolução escrava de Haiti em 1791. Essas duas obras provocaram o começo de uma autodefinição caribenha positiva (heroísmo; escravos como senhores de seu próprio destino) e um incipiente grito de independência para toda a região caribenha.

Entre 1950 e 1965, somente em Londres, cerca de 150 romances foram publicados por caribenhos. Londres tornou-se de fato a capital literária da primeira geração de escritores negros, considerada o centro simbólico da literatura negra britânica. O primeiro escritor negro a aportar no Reino Unido após a II Guerra Mundial foi o poeta James Berry (Jamaica, n. 1924), seguido por George Lamming (Barbados, n. 1927), Samuel Selvon (Trinidad, 1923-1994), Vidiadhar Surajprasad Naipaul (Trinidad e Tobago, n. 1932), Edward Kamau Brathwaite (Barbados, n. 1930), Andrew Salkey (Jamaica, 1928-1995), Stuart Hall (Jamaica, n. 1932), Wilson Harris (Guiana, n. 1921), Edgar Mittelholzer (Guiana, 1909-1965). Estudando em Cambridge, Oxford e outras universidades britânicas, estes futuros escritores se estabeleceram no Reino Unido como sua “pátria-mãe”, especialmente em Londres, onde obtiveram prestígio e reconhecimento literário. Os romances escritos por caribenhos radicados em Londres nas décadas 1950 e 1960, ou seja, *A Brighter Sun* (1952) e *The Lonely Londoners* (1956), de Samuel Selvon; *In the Castle*

*of My Skin* (1953), *Of Age and Innocence* (1958) e *Season of Adventure* (1960), de George Lamming; *Miguel Street* (1959) e *A House for Mr Biswas* (1961), de V.S. Naipaul, destacavam os temas da independência e esperança e deram novo alento à incipiente literatura negra britânica. Ademais, arraigados em temas ameríndios e africanos, Andrew Salkey publica *A Quality of Violence* (1959) e Wilson Harris escreve *The Palace of the Peacock* (1960), dando início a uma narrativa nova da identidade da sociedade americana, enquanto em *Beyond a Boundary* (1963) C.L.R. James metaforiza o *cricket*, o mais famoso jogo britânico, para analisar a tarefa de construir novas identidades pós-coloniais no contexto da herança colonial britânica (BENSON & CONOLLY, 1994).

É importante salientar que na Inglaterra pós-guerra e ao redor dos anos 1950, profundos acontecimentos ocorriam, os quais mudariam substancialmente a situação e as condições culturais britânicas. A descolonização iniciada pela independência da Índia e do Paquistão em 1947 e a chegada do navio *Empire Windrush* no Cais de Tilbury, Londres, direto de Kingston, Jamaica, no dia 21 de junho de 1948, desencadearam uma série de eventos com grandes repercussões para a literatura britânica, até agora hegemonicamente branca e anglocêntrica.

174

Foi, portanto, a partir da década de 1950 que os escritores não-brancos e falantes do inglês começaram a enfrentar os grandes desafios que a “mãe Inglaterra” lhes proporcionava diante de sua estada permanente no país. Inicialmente os problemas oriundos da falta de alojamento apropriado, da precária assistência médica e de empregos melhores foram ventilados na literatura então produzida. Todavia, a discriminação racial e a hostilidade dos britânicos começaram a ser o assunto do dia e, portanto, objeto da literatura escrita pelos imigrantes negros. Como Chinua Achebe em *Things Fall Apart* (1958) mostrava a falácia britânica de sua “missão civilizadora” na Nigéria e, por extensão, em todas as colônias invadidas e mantidas pelo Império Britânico, semelhante análise foi representada em muitas obras literárias produzidas neste período. Em *The Emigrants* (1954), Lamming mostrou a decepção que os imigrantes tiveram para entender a cultura de seus anfitriões, conseguir bons empregos e rechaçar os efeitos do racismo que começaram a experimentar. Com *The Lonely Londoners* (1956), Samuel Selvon registra a narrativa de Moses e da comunidade caribenha em Londres sofrendo por causa do clima, salários baixíssimos, casas inadequadas e incapacidade de enviar dinheiro aos familiares em seus países de origem. A frustração, a solidão e os preconceitos raciais da sociedade britânica fazem a vida dos imigrantes insuportável.

Por outro lado, poucos autores brancos retratam a existência e as condições em que vivem os ex-sujeitos coloniais nos anos 1950. Uma das poucas exceções é Colin MacInnes (1914-1976). Em seus romances *City of Spades* (1957), *Absolute Beginners* (1959) e *Mr Love and Justice* (1960), MacInnes descreve os jovens londrinos e a cultura dos

imigrantes negros recém chegados na metrópole, especificamente na região de Notting Hill, Londres, onde se concentravam os imigrantes negros e pobres, postos no ostracismo pela comunidade branca hegemônica. Junto com MacInnes, Shelagh Delany, com sua peça teatral *A Taste of Honey* (1958), Paul Bailey com *Sugar Cane* (1993) e Alan Hollinghurst com *The Swimming-Pool Library* (1988) e *The Line of Beauty* (2004) são provavelmente os únicos autores brancos que daquela época até a contemporaneidade tivessem a percepção de reconhecer os imigrantes não-brancos como os arautos de uma profunda transformação social na Inglaterra, devido ao fato que cultuavam a resistência cultural e a revolta através da música, atitudes, modo de vestir e estilo de vida.

Em 1958 a revolta de Notting Hill foi causada pelas pressões que sofriam para perder sua identidade e cultura e assimilar-se à sociedade britânica. A falta de esperança dos imigrantes e de seus descendentes tornou-se muito profunda, os quais, diante do racismo e da exclusão, sentiam a necessidade de exigir maiores direitos e garantias contra os preconceitos em todos os níveis. Narrando suas experiências como professor e assistente social, o guianense Braithwaite escreveu *To Sir with Love* (1959) e *Paid Servant* (1962) mostrando as dificuldades vividas por negros. Embora exibindo todas as qualificações educacionais e humanas, as dificuldades surgiam precisamente por eles não serem brancos. Afirmava que nenhum imigrante escapava da exclusão sentida no ambiente desumano londrino.

Devido à descolonização e a derrocada do Império Britânico, na década de 1960, a população ‘negra’ do Reino Unido, especialmente nas cidades mais industrializadas, aumentava (demasiadamente, aos olhos dos ingleses) através da chegada de novos imigrantes da África e do sudeste asiático, especialmente de Bangladesh e do Paquistão. Por outro lado, houve também nesta época um grande fluxo populacional temporário de “volta à terra natal” o qual provocou reflexões sobre a diáspora, o aguçamento da memória do país de origem e da terra ancestral africana. Os ensaios em *The Middle Passage* (1962), *An Area of Darkness* (1964), *The Loss of Eldorado* (1969), *The Overcrowded Barracoon* (1972) e o romance *In a Free State* (1971), de V.S. Naipaul, e *The Pleasures of Exile* (1960), de G. Lamming, seu primeiro livro não-ficcional, evidenciam uma consolidação de temas relacionados à identidade, à exclusão e aos resíduos da escravidão do sujeito colonial formado pela influência cultural do Caribe, da África, da América e da Índia.

No Reino Unido, esta reflexão diaspórica e a literatura negra dela emergente tiveram um grande impulso nos anos 1960 devido aos movimentos estadunidenses de direitos civis após o assassinato de Malcolm X (1925-1965). O “Caribbean Artists’ Movement”, fundado por Kamau Braitwaite, André Salkey e John la Rose em 1966, recebeu grande influência dos escritos de Amiri Baraka (n. 1934) com *Blues People: Negro Music in White America* (1963) e *Black Magic* (1969), Frantz Fanon (1925-1961) com *Pele negra, máscaras brancas* (1952) e *Os condenados*

*da terra* (1961), e Eldrige Cleaver (1935-1998) com *Soul on Ice* (1968). Ademais, o movimento tomou a iniciativa de incentivar a fundação de livrarias e editoras que publicassem as obras literárias de autores negros e reeditassem os clássicos da literatura negra. Surgiram, portanto, o “New Beacon Bookstore” de John la Rose, “Bogle L’Ouverture” de Jéssica e Eric Huntley, “Race Today Publications” de Darcus Howe e “Allison & Busby” de Margaret Busby tiveram uma grande importância no incentivo à Literatura Negra Britânica e na publicação do talento literário que surgia na segunda e terceira gerações de descendentes dos imigrantes negros no Reino Unido. Em 1974 e 1975 foram publicados respectivamente *Voices of the Living and the Dead* e *Dread Beat an’ Blood*, escritos por Linton Kwesi Johnson (n. 1952). O poeta Johnson anunciava o espírito de denúncia e de inconformidade das novas gerações, agora nascidos na Inglaterra, que enfrentariam os desafios culturais que a hegemonia branca impunha na sua vida. Através da poesia e do teatro, a nova geração de escritores queria mostrar as suas frustrações e seus anseios sobre o fato que, embora nascidos e educados no Reino Unido, jamais foram aceitos no país, principalmente por causa de sua ‘raça’, manifestada pela cor, cultura e idioma. Destacam-se as antologias *Bluefoot Traveller* (1876) e *News from Babylon: The Chatto Book of West Indian-British Poetry* (1984), compilados por James Berry, as quais epitomizam os trabalhos literários das duas décadas.

Os distúrbios de Notting Hill em 1976, a busca pela alma negra através do Rastafarianismo, da música vibrante e da poesia, a focalização na vida dura de negros britânicos nas mãos da força policial britânica (chamada ‘Babylon’) (MAMA, 1993), e os encontros em centros comunitários nos quais se desenvolviam programas de leitura e escrita (como “Black Ink” no sul de Londres) foram passos importantes para a constituição e a consolidação da identidade negra britânica (JAMES; HARRIS, 1993). Ademais, surgiram na década de 1970 várias vozes, especialmente (semi)autobiográficas femininas, sobre a condição da mulher imigrante negra no Reino Unido. *In the Ditch* (1972) e *Second Class Citizen* (1976), de Buchi Emecheta (Nigéria, n. 1944), *Black Teacher* (1976), de Beryl Gilroy (Guiana, 1924-2001) e *East End at your Feet* (1976) e *Come to Mecca* (1978), de Farrukh Dhondy (Índia, 1944), destacam-se por retratar a educação multicultural na sociedade britânica carregada de racismo e preconceito. Enquanto muitos escritores, já consagrados, como E.R. Braitwaite, Andrew Salkey e Samuel Selvon, voltavam para seu país de origem, outros, como Ben Okri (Nigéria, n. 1959), John Agard (Guiana, n. 1949), Grace Nichols (Guiana, n. 1950) e Jean Binta Breeze (Jamaica, n. 1956) iniciavam a sua carreira na Inglaterra. A poesia e o teatro caracterizavam estes novos escritores negros, os quais representavam na arte literária a vida de jovens negros britânicos e uma sociedade multicultural. Destacam-se no teatro os dramaturgos Mustapha Matura (Trinidade, n. 1939) com *Black Pieces* (1970) e *Welcome Home, Jacko* (1979); Edgar Nkosi White (Montserrat, n. 1947) em *Lament for Rastafari* (1983); Michael Abbensetts (Guiana, n. 1938) em *Sweet Talk* (1974), *Samba* (1980) e *Empire Road* (1979); Caryl Phillips (St. Kitts, n. 1958) com *Strange Fruit* (1981) e Hanif Kureishi (London, n. 1954) com *Borderline* (1981) e *Birds of Passage* (1983) (BALME, 1999; GILBERT

& TOMPKINS, 1996). Com destaque ao romance, Kureishi e Phillips deram início a uma série de narrativas focalizando a escravidão, a exclusão do negro, a vida vazia no desterro londrino e condição traumática em que a comunidade negra se encontra no Reino Unido. Destacam-se neste período de transição *Monkey King* (1980) e *Sour Sweet* (1981), de Timothy Mo (Hong Kong, n. 1950) em *The Murderer* (1978) e a trilogia *From the Heat of the Day* (1979), *One Generation* (1980) e *Genetha* (1981), de Roy Aubrey Kelvin Heath (Guiana, 1926-2008).

Um passo importante no reconhecimento da Literatura Negra Britânica foi a publicação de *Midnight's Children* (1981), de Salman Rushdie (Mumbai, n. 1947), a premiação da Commonwealth Poetry Prize a Grace Nichols em 1983 pelo seu livro de poemas intitulado *I is a long memoried woman* (1983) e a consagração de Buchi Emecheta como uma das melhores escritoras negras jovens britânicas em 1981. De fato, a década de 1980 não somente testemunhou a revolta negra em Brixton (1981) e a publicação do relatório de Lord Scarman (culpando a polícia e a exclusão escolar como causas das revoltas), mas grandes investimentos pelo governo britânico para financiar instituições de artistas negros. A realização da Third World and Radical Book Fair em 1982 expôs ao público importantes autores como Linton Kwesi Johnson, Archie Markham (Montserrat, 1939-2008), Fred D'Aguiar (Londres, n. 1960), John Agard e James Berry, este último com a publicação da primeira antologia de poemas negros britânicos mencionada acima. Fundaram-se nesta década o African Caribbean Educational Resource e vários grupos, focalizados no feminismo negro, inspirados pelas escritoras afro-americanas como Alice Walker e Toni Morrison. Em 1985 Beverly Bryan, Stella Dadzie e Suzanne Scafe publicaram *Heart of the Race: Black Women's Lives in Britain*, um livro importante de ensaios, poemas e contos sobre mulheres negras. O estabelecimento das editoras Akira, Karia, Dangaroo, Karnak, Women's Press, Sheba e Virago promoveu o lançamento de novos autores e autoras negros, especialmente Mike Phillips (Guiana, n. 1951), Joan Riley (Jamaica, n. 1959), Martin Glynn (Birmingham, R.U., n. 1957), Benjamin Zephaniah (Inglaterra, n. 1958), Amryl Johnson ( ), Jackie Guy (Jamaica, n. 1945) e Fred D'Aguiar.

Nos anos 1980 os autores acima consolidaram a sua posição literária: Salman Rushdie publicou *Shame* e *The Satanic Verses* em 1983 e 1988 respectivamente; Tim Mo publicou *An Insular Possession* em 1986; Ben Okri publicou as duas coleções de contos intituladas *Incidents at the Shrine* e *Stars of the New Curfew*, respectivamente em 1986 e 1988. Enquanto Caryl Phillips escrevia *The Final Passage* em 1985 e Joan Riley *The Unbelonging* em 1985, sobre a chegada dos imigrantes jamaicanos no Reino Unido, Mike Phillips discursava sobre a herança negra e branca na mistura étnica britânica em *Blood Rights*, publicado em 1989, e Hanif Kureishi (London, 1954) produziu seu primeiro romance *The Buddha of Suburbia* em 1990 após vários sucessos dramaturgos (WAMBO, 1998; FRYER, 1984; GUPTARA, 1986; EDWARDS & DABYDEEN, 1991).

Nos anos 1990 e na primeira década do século XXI a produção literária negra no Reino Unido é objeto de vários estudos e análises devido à diversidade de temas e problemas levantados. Um apanhado geral sobre análises literárias em congressos internacionais mostra uma concentração significativa referente à literatura negra britânica. Sem pretensão de ser uma lista completa, destacam-se os seguintes título e autores: *Brick Lane* (2003), de Monica Ali (Bangladesh, n. 1967); *Maps for Lost Lovers* (2004), de Nadeem Aslam (Paquistão, n. 1966); *The Scholar* (1998), de Courttia Newland (Inglaterra, n. 1973); *Tourism* (2006), de Nirpal Dhaliwal (Inglaterra, n. 1974); *White Teeth* (2000), de Zadie Smith (Inglaterra, n. 1975); *A Distant Shore* (2003), *Foreigners* (2007), *In the Falling Snow* (2009), de Caryl Phillips (St. Kitts, n. 1958); *Londonstani* (2006), de Gautam Malkani (Inglaterra, n. 1976); *Something to Tell You* (2008), de Hanif Kureishi (Inglaterra, n. 1954); *Fruit of the Lemon* (1999), *Small Island* (2004) e *The Long Song* (2010), de Andrea Levy (Inglaterra, n. 1956); *By the Sea* (2001), de Abdulrazak Gurnah (Zanzibar, n. 1948); *Why don't you stop talking* (2002) e *Wish I was here* (2006), de Jackie Kay (Edinburgh, n. 1961); *Seasonal Adjustments* (1994), de Adib Khan (Bangladesh, n. 1949); *A Golden Age* (2007), de Tahmina Anam (Bangladesh, n. 1975); *Sea of Poppies* (2008), de Amitav Ghosh (Índia, n. 1956); *Unaccustomed Earth* (2008), de Jhumpa Lahiri (Inglaterra, n. 1967); *The Translator* (1999), *Coloured Lights* (2001) e *Minaret* (2005), de Leila Aboulela (Sudão, n. 1964); *Mirror to the Sun* (1993), de Amer Hussein (Paquistão, n. 1955); *The Glassblower's Breath* (1993), de Sunetra Gupta (Índia, n. 1965); *The Enchantress of Florence* (2008), de Salman Rushdie (Índia, n. 1947), *Blonde Roots* (2008), de Bernardine Evaristo (Londres, n. 1959).

Os trabalhos de pesquisa e análise de Mark Stein em *Black British Literature: Novels of Transformation* (2004), de John McLeod em *Post-Colonial London: Rewriting the Metropolis* (2004) e *Race and Antiracism in Black British and British Asian Literature* (2010), de Dave Gunning, revelam a pujança desta literatura e a abrangência de seus temas em condições adversas e numa situação hegemonicamente branca e racista. Esses pesquisadores concordam que iniciou-se uma literatura que não pode ser chamada nem derivativa nem subalterna; ao contrário, é uma expressão literária que faz parte da literatura britânica no mesmo patamar das outras obras de autoria branca. Indagando se esses desenvolvimentos são profundos e não apenas superficiais, Procter (in DABYDEEN et al, 2010, p. 265) alerta sobre a importância da “persistência do racismo institucional na polícia, da eleição de vereadores do ultradireitista British National Party no início do século XXI no norte da Inglaterra e da hostilidade popular contra os refugiados” nos contextos representados na ficção de Smith, Levy, Gurnah, Phillips e outros (PROCTER, 2000).

Apesar desta autonomia, surgem dois problemas: (1) a sub-representação de personagens negros na literatura britânica de autoria branca e (2) a relativa ausência da Literatura Negra Britânica na grade curricular de muitas universidades britânicas.

Num artigo em *The Guardian*, Caryl Phillips (2004) mostra que a representação de personagens negras em romances britânicos de escritores brancos é praticamente não existente. Diferente do tratamento ficcional proporcionado às classes média e operária nos anos 1950, especialmente por autores britânicos brancos como Kingsley Amis (1922-1995) e John Braine (1922-1986), parcialmente atrelado à universalização do acesso às universidades por jovens destas classes, de acordo com o Butler Education Act, às pessoas negras, as quais mudaram o aspecto racial britânico, não foi dada a mesma importância. O problema dos imigrantes da primeira, segunda e terceira gerações foi debatido em várias instâncias nos anos 1960 e depois, mas sua escassa representação literária deixa um questionamento intrigante no ar. Phillips argumenta que o Reino Unido (e Londres de modo especial) constituem um dos lugares mais multirraciais e multiculturais da Europa. Uma das mais profundas mudanças no Reino Unido foi certamente a imigração de populações ‘negras’ do Caribe, África Ocidental, Índia, Paquistão e Bangladesh. Portanto, a formação e a consolidação do país moderno multirracial. É óbvio que todos os autores britânicos negros incluem personagens negras e brancas em suas obras literárias, haja vista os romances de Samuel Selvon, George Lamming, V.S. Naipaul, Wole Soyinka, Ben Okri, Hanif Kureishi e outros, representando os problemas de raça, classe, imigrantes e cultura na sociedade britânica, salientando *The Lonely Londoners* do primeiro autor, publicado em 1956. Todavia, como foi comentado acima, com a exceção de Colin MacInnes (com *City of Spikes*, *Absolute Beginners* e *Mr Love and Justice*, respectivamente publicados em 1957, 1959 e 1960) e Shelagh Delaney (*A Taste of Honey*, publicado em 1958), autores como Arnold Weskers (n. 1932), Keith Waterhouse (n. 1929), John Arden (n. 1930), Harold Pinter (1930-2008), Alun Owen (1925-1994), Willis Hall (n. 1929), Graham Swift (n. 1949), Patrick Neate (n. 1970) e Ian McEwan (n. 1948) e os dois acima mencionados ignoraram completamente os eventos da imigração, os debates sobre multiculturalismo, as revoltas de Brixton e Notting Hill e a presença cotidiana de homens e mulheres negros nas ruas, e não deram espaço a esta população, cada vez mais numerosa, nas suas obras literárias.

Não é fácil descobrir as razões desta miopia, continua Phillips, e cita uma afirmação de MacInnes sobre a invisibilidade imposta por autores brancos:

[Os escritores], os recipientes principais da ‘cultura’ acima do nível popular, são prodigiosamente autoisolados da experiência do dia-a-dia. Numa frase popular, ‘não querem nem saber’. Aglomera-se em seu redor um grande fluxo de novos agrupamentos sociais esquisitos através dos quais eles continuam caminhando, quais turistas atravessando a cidadela, sem enxergarem e sem desconfiarem, [...] e o instinto para Não saber está firmemente reforçado por aquela fé universal cega que muitos ingleses e muitas inglesas têm no presente – ou seja, se você ignora aquilo em que o mundo, perto ou longe, está se tornando, ele, de um jeito ou de outro, não se transformará conforme o previsto (PHILLIPS, 2004).

Phillips, porém, fala que é muito difícil para um escritor britânico branco lidar com uma personagem negra, especialmente do sexo masculino, sem seu pensamento se voltar à sexualidade. Parece que há um profundo relacionamento entre a negritude e a sexualidade na mente do escritor branco. Em *The Swimming-Pool Library*, de Alan Hollinghurst, publicado em 1988, os negros são vistos através de sua sexualidade e não como pessoas. Ao contrário, quando os escritores negros colocaram personagens brancas em suas obras literárias, eles não se restringiam aos estereótipos, ou seja, não os construía como apenas racistas ou violentos ou arrogantes. Viam-nos e descreviam-nos em primeiro lugar como pessoas. Esta situação se agrava devido ao fato que no decorrer dos anos a representação da personagem negra nas obras literárias não se modificou e os autores brancos britânico continuam com a mesma miopia de outrora referente ao Reino Unido multicultural.

Analisando dois romances de autoria negra britânica (*White Teeth*, de Zadie Smith; *A Distant Shore*, de Caryl Phillips) e dois romances de autoria branca britânica (*The Light of Day*, de Graham Swift; *Saturday*, de Ian McEwan), Gillet (2008) chega à conclusão de que, embora a personagem negra seja diretamente representada nos dois primeiros romances, não o é nos últimos dois. Apesar desta diferença fundamental, os dois autores brancos incluem outros tipos de situação de exclusão (*outsideness*), o que indica uma rejeição ao conceito tradicional e imperialista de ser britânico (implicando exclusivamente a pessoa branca) além de certa preocupação com mudanças na sociedade britânica. A mesma autora concorda com Rushdie quando escreve que os escritores devem ser julgados pelo que escrevem, independentemente de seu gênero, classe ou etnicidade, e com Zadie Smith quando rejeita que autores negros devem representar sua comunidade e não aceitar assuntos impostos. Seguindo a sugestão de Kwame Dawes (2005), a solução mais viável numa sociedade multicultural é acabar com o termo “Literatura Negra Britânica” e incluir sistematicamente os escritores negros britânicos na Literatura Britânica. Desapareciam o conceito imperial de ‘britanidade,’ a ilusão de que a Inglaterra não mudou (continua branca) e a presunção de unicidade da resposta à complexidade da sociedade britânica.

Uma das grandes questões relativas à Literatura Negra Britânica é a sub-representação desta disciplina nas universidades britânicas, diferente de muitas outras universidades na Europa e nos Estados Unidos. Embora as universidades devam ter o papel ‘subversivo’ de questionamento, reformulação e desafio das ‘certezas’ ensinadas (SAID, 2004), muitas universidades britânicas ainda não abriram seu currículo ao ‘novo cânone literário’ e, de uma maneira, revelam resquícios de racismo. Anim-Addo e Back (2008) mostram que o ensino da literatura é regido por certezas codificadas que hierarquizam o que está sendo valorizado. À afirmação de que poucos cursos universitários existem sobre a Literatura Negra Britânica no Reino Unido, muitos alegam que (1) muitos textos de autoria negra

foram acrescentados aos cursos existentes; (2) não há um *corpus* literário suficiente para constituir um curso universitário; (3) muitas obras de autoria negra carecem de qualidade. Embora muita coisa tenha mudado no Reino Unido desde 1948, parece que a herança imperial britânica e o racismo encoberto ainda permanecem e há um longo caminho para a sociedade britânica em geral e a comunidade universitária britânica em particular se tornarem realmente multiculturais. Até o último quartel do século XIX havia um consenso geral que as pessoas de origem africana eram ‘animais de carga,’ ou seja, não humanos e, portanto, carentes de atividades intelectuais. Os filósofos iluministas como Kant (2003) e Hume (1854; 1992) colocaram os ‘negros’ na escala mais baixa da humanidade (SCHWARCZ, 2002). Se estes se tornaram ‘humanos’ após o fim do tráfico negreiro e a abolição da escravatura, como estes autores negros estariam escrevendo tanto e tão bem que merecem ser estudados nas universidades? Por que suas obras não são visíveis nas livrarias? Por que estas obras não são incluídas nas resenhas em revistas científicas de prestígio? Tais perguntas levariam ao questionamento se a literatura negra merece inclusão. O prestígio da obra ficcional de vários autores negros (*Small Island*, de Andrea Levy vendeu meio milhão de exemplares no primeiro ano; o mesmo pode ser dito no caso de Mônica Ali e Zadie Smith) faz um contrassenso diante da escassez ou completa ausência de autores negros britânicos na grade curricular dos Cursos de Letras.

Lee (1995) pergunta sobre a formação de estudantes universitários em cujos cursos não existem estudos teóricos sobre a Literatura Negra e onde a tradição intelectual é caracterizada pela invisibilidade de escritores e críticos negros. A ausência e a invisibilidade de estudos literários negros em nível de professores e de críticos nas universidades sem dúvida impactam na situação educacional, pedagógica e cultural da Literatura Negra Britânica. O ensino da cultura africana e afro-brasileira é regido desde 2003 por lei federal (n. 10.639), a qual modificou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, estabelecendo a obrigatoriedade do ensino de cultura africana e afro-brasileira nas escolas públicas e privadas de todos os estados brasileiros. Todavia, como no Reino Unido, poucos cursos universitários brasileiros oferecem disciplinas caracterizadas como Literatura Negra, enquanto a lei está sendo executada precariamente no ensino fundamental e médio. Embora seja uma falácia dizer que apenas professores negros possam estar interessados em pesquisar e ensinar Literatura Negra, há de fato poucos acadêmicos reconhecidos nas instâncias literárias mais altas e, conseqüentemente, poucos cursos universitários são focalizados na Literatura Negra nos dois países. Nos departamentos dos Cursos de Letras a inexistência ou ausência de professores negros para ensinar literatura e, portanto, contrapor-se ao mito da inferioridade racial e da incapacidade de produzir conhecimento, é preocupante.

Os problemas da tradição intelectual e da academia negra se agravam quando o gênero é levado em consideração. Embora a Segunda Onda Feminista esteja numa fase reflexiva bem adiantada e a retórica sobre a igualdade assimilada pela maioria da

população, o debate sobre a ausência e invisibilidade da mulher em nível de crítica literária pode ser mais desanimador na área do Curso de Letras. Como no Reino Unido onde de 10 professoras negras há estatisticamente menos de uma no Departamento de Letras, no Brasil não é fácil encontrar professora negras nos Departamentos de Letras, especialmente nos estados do sul e do sudeste. Numa amostra de 132 profissionais masculinos e femininos, somente 15 atuam em Linguística e Literatura, dez dos quais são do sexo feminino (BORGES, on line). As universidades de Leeds, Edinburgh, London South Bank e Warwick destacam-se por oferecer no Reino Unido os cursos de Literatura Negra Britânica e Estudos Pós-coloniais, focalizados quase como sinônimos.

Portanto, à maioria dos alunos dos Cursos de Letras não somente é negado o acesso às teorias literárias negras e os textos literários de autoria negra, mas também há a reprodução constante da interpretação e crítica literária de professores brancos que pretendem ‘representar’ autores e críticos negros com os quais mantêm escasso diálogo. Apesar desta situação, pode-se dizer que a literatura britânica teve um novo alento devido aos textos literários e críticos de autores negros, praticamente excluídos dos Cursos de Letras. A “autoasserção” (WYNTER, 1990, p. 365) dos autores negros faz com que a Literatura Negra Britânica seja integrada na Literatura Britânica apesar das condições adversas de produção. Todavia, a situação atual nas universidades e nos Cursos de Letras não pode ser mantida. Segundo Gawthrop (2007), no Reino Unido a grande maioria dos estudantes de Letras pertence à classe média (73%), branca (91%), composta de jovens (86%) do sexo feminino (72%), sendo esta última característica um fenômeno brasileiro também. Diante desta situação e por força da constituição multicultural do Reino Unido deveria haver mais estudantes etnicamente diferentes, que uma mudança no currículo e no professorado poderia criar novas situações. Semelhantes modificações poderiam ser esperadas *a fortiori* diante da constatação de hibridismo na população brasileira. As mudanças acima mencionadas dariam aos estudantes brancos dos Cursos de Letras um aspecto mais abrangente da condição humana e aos estudantes das minorias étnicas um alento maior para cursar as humanidades. Quebraria o círculo vicioso da inexistência e da invisibilidade a literatura negra e as tradições intelectuais de povo não europeus.

Ouve-se frequentemente de acadêmicos e editores britânicos que cursos sobre Literatura Negra e livros de autoria negra interessam apenas estudantes e leitores negros e que estudantes e leitores brancos não estão interessados no assunto. Há conseqüentemente grandes dificuldades para a publicação de literatura de autoria negra. Allardice (2005) comenta que “embora prestigiada como ‘a romancista negra mais prolífica na Inglaterra, Levy tem lutado, até o presente, contra a maldição de ser criticamente aclamada e pouco lida.” Numa entrevista em 1999 Andrea Levy comentou: “Os editores têm a mentalidade de rebanho. Estavam preocupados que meus romances seriam lidos apenas por pessoas negras – menos de um milhão – dos quais afinal poucos são realmente leitores [...] Minha atitude é dar de cima nestes caras. Adoro vê-los bater na minha porta.” (apud

ALLARDICE, 2005). Suspeita-se que a academia britânica esteja também sob os efeitos de uma ‘mentalidade de rebanho,’ oferecendo poucas oportunidades para a divulgação de autores negros numa sociedade cada vez mais multicultural. Como, ao que parece, a academia é um castelo fechado, a sub-representação dos cursos sobre literatura negra nos departamentos de Letras nas universidades britânicas está explicada. Confirma-se, portanto, a conclusão de Wakeling (2007, p. 946) que as características dos pós-graduados de uma instituição são atreladas “à composição sócio-demográfica dos professores das disciplinas” e, portanto a continuação do *status quo* vigente.

É importante salientar que a Literatura Negra não pode ser vista como a propriedade exclusiva de autores, críticos e especialistas negros, mas que as vozes intelectuais negras devem fazer parte das comunidades de interpretação, crítica e produção de conhecimento. Esta situação continuará diante do fato da sub-representação de estudantes negros nas universidades e nos Cursos de Letras com a sequente sub-representação de professores universitários no departamento dos Cursos de Letras. Paradoxalmente, a Literatura Negra Britânica não está alheia à história britânica e ajuda seus leitores a enveredar pela imaginação histórica como cidadãos diaspóricos. A experiência transmitida nos romances de Kureishi, Rushdie, Lamming, Levy, Warner, Ali, Smith, Aslam, Achebi e tantos outros faz parte da narrativa histórica coletiva, contesta o provincianismo do problema da identidade nacional e salienta as conexões imperiais e as subseqüentes divisões provocadas por cor e etnia. Afirmando que “nenhum de [seus] romances tratam apenas de raça, mas versam sobre o povo e sua história,” Andrea Levy continua dizendo que “finalmente o Reino Unido está começando a juntar suas vozes mais distantes e ouvindo as histórias ricas que ela têm a contar; são histórias centrais à história da Inglaterra e da Literatura Britânica como qualquer outra com a qual estamos acostumados” (apud ALLARDICE, 2005).

Semelhante a muitas universidades brasileiras, as instituições de ensino superior no Reino Unido são lugares onde a ‘herança do racismo’ vicia os julgamentos estéticos e a hierarquia de valores. A ausência ou a invisibilidade da Literatura Negra Britânica nos Cursos de Letras na Inglaterra e no Brasil é o resultado de um racismo oculto e da falácia da democracia racial. Por sua vez, a invisibilidade do professorado negro reforça a sub-representação acadêmica da ‘condição e experiência negra’ e faz com que os estudantes brancos fiquem alheios a uma tradição literária fundamental. As políticas de multiculturalismo exigem a presença da Literatura Negra Britânica e de críticos negros para a concretização de universidades multiculturais que admitem a diversidade das tradições humanas no ensino e na aprendizagem.

É muito interessante comparar a situação da literatura negra britânica e brasileira. Enquanto no Reino Unido a polêmica inexiste no que diz respeito ao conceito de ‘Literatura Negra,’ pelo menos nestes termos, no Brasil muitos contestam esta denominação. Criticando

Brookshaw (1983) por dividir em brancos e negros os autores brasileiros que versam sobre a temática negra em suas obras literárias, Bernd (1987) afirma que “tal divisão, meramente epidérmica, não nos parece satisfatória, até mesmo pela dificuldade em saber, num país mestiço como o Brasil, quem é negro e quem não é.” Embora Proença Filho (2004, p. 189) afirme que o termo ‘Literatura Negra’ pode manter a discriminação racial e reproduzir os estereótipos que costumam caracterizá-la, a sua sugestão de substituí-lo por “referência à presença do negro ou da condição negra na literatura brasileira” parece ignorar o “eu enunciativo” do negro e reinstalá-lo como tema. Todavia, parece que Duarte (2010) não tem os mesmos escrúpulos e, semelhante a autores britânicos e de acordo com ativistas da Consciência Negra brasileira, apóia o termo.

A literatura negra brasileira não é um fenômeno dos séculos XX e XXI. Já no século XVIII havia escritores negros os quais, desafiando a legislação vigente, representavam seus sentimentos em textos de literatura ou oratória. Parece que Rosa Maria Egipciaca da Vera Cruz (1719-1765?) e Domingos Caldas Barbosa (1740-1800) iniciaram esta tradição, a qual foi seguida por Cruz e Sousa, Luis Gama, Lima Barreto, Lino Guedes e Solano Trindade, entre outros. No século XX, influenciados pelo *Harlem Renaissance* nos Estados Unidos e o movimento francófono *Négritude* nas décadas 1920-1930, Oswaldo de Camargo e Eduardo de Oliveira se destacaram por se declararem autores negros cujas obras surgiram de suas próprias experiências e fundamentadas no texto literário sem paternalismos, ou seja, descartando critérios específicos na avaliação dos escritores negros, a qual aprofundaria a discriminação. Analisando o escritor e o leitor negro brasileiro, Cuti, pseudônimo de Luiz Silva (2009), para quem a literatura negra se identifica pela predominância da experiência subjetiva de ser negro transfigurada em texto, afirma com grande sensibilidade poética:

A relação leitor/texto/autor, na Literatura Brasileira, implica quase sempre a invisibilidade do leitor negro. É, como no contexto social o foi por muito tempo, desconsiderado enquanto cidadão. A experiência do leitor negro, ante o grande espectro da literatura nacional, é a mesma de quem estivesse ouvindo uma conversa entre brancos, atrás da porta, do lado de fora. E só encontra uma saída: abstrair-se de sua concretude e admitir, em si, o branco, enquanto autor, personagem principal e destinatário do discurso. Não se constitui em “leitor ideal” para os escritores brancos e mesmo os mestiços ou negros, inclusive a maioria dos modernos. Até que o escritor, sendo negro que escreve sem renegar sua experiência subjetivo-racial, eleja-o em seu ato de criação. Nasce o *interlocutor negro do texto emitido pelo “eu” negro*, num diálogo que põe na estranheza, na condição de ausente, o leitor “branco”. Afinal, a literatura é a grande possibilidade de se estar no lugar do outro e aprender-lhe a dimensão humana.

Esta mesma opinião foi expressa por Edimilson Pereira de Almeida (apud CARRANÇA, 2003) dizendo que “quando o autor que se exprime é um negro, o texto se impõe a partir daquilo que vivemos como negros na história.” Por outro lado, João Ubaldo Ribeiro admite ser chamado autor de literatura negra desde que, afirma ele, o critério não seja a cor da pele do autor.

Embora o artigo de Proença Filho (2004) mencione e analise vários romances de autoria negra e com personagens negros, destaca-se a poesia negra na literatura negra brasileira, com menor repercussão do romance. Não é fácil explicar este fenômeno caracterizado por várias causas: pode ser que a poesia seja um veículo mais forte de afirmação da identidade cultural do que a prosa ou a maturação para um romance negro brasileiro requer um contexto mais profundo de identidade cultural. Por várias razões históricas e porque os personagens negros são frequentemente estereotipados (a mulata sensual; o negro bêbado, preguiçoso e sexualmente precoce; o escravo obediente) não somente por autores brancos, mas por autores afro-descendentes também, ainda constata-se a quase invisibilidade do escritor negro brasileiro e do “eu enunciador negro” e a precariedade da representação do negro na literatura brasileira. Sobre este último fator e corroborando outras pesquisas (MENDES, 1982), Dalcastagné (2005), em sua pesquisa sobre a mulher escritora negra, revela uma desproporção étnica pela qual apenas 6% das personagens analisadas em 258 romances brasileiros publicados entre 1990 e 2004 eram mulheres não-brancas e somente uma negra desempenhava o papel de narradora. Os números são congruentes com o perfil do escritor e da escritora brasileiros, que são, em sua quase totalidade, brancos. Ela afirma que, na maioria dos romances, a representação dos negros é extremamente negativa, ou seja, os homens negros geralmente são retratados como criminosos e as mulheres como empregadas.

Não faltam dificuldades para publicar, embora as várias revistas literárias (por exemplo, *Cadernos Negros*) publicadas por autores negros sejam um estímulo para poetas e romancistas negros. Todavia, o maior problema se encontra na educação escolar e na formação das identidades. Embora o Brasil tenha 44% de população afro-descendente e, em vários estados, esta porcentagem atinge 80% da população, no currículo escolar a história e a cultura negras têm pouco ou nenhum destaque, diferentemente daquele dado à cultura europeia. De fato, poucos brasileiros conhecem a rainha Nzinga, líder da libertação do reino africano Ndongo em 1660, ou Dandara, guerreira do Quilombo dos Palmares, ao lado de Zumbi e outros episódios da história do continente africano (DEL PRIORE; VENÂNCIO, 2003). A participação das crianças negras na última série do Ensino Médio representa a metade da registrada na 4ª série. Já os brancos somam 44% dos alunos da 4ª série, mas totalizam 76% na 3ª série do Ensino Médio. A escolaridade média de um negro com 25 anos gira em torno de 6,1 anos. Um branco da mesma idade tem cerca de 8,4 anos de estudo. Para sanar, em parte, esta desigualdade o governo publicou a Lei 10.639 pela qual é obrigatório o ensino de história da África e da cultura afro-brasileira em todas as escolas de Ensino Fundamental e Médio. Precisava da legislação para romper com a ordem dos currículos ao propor um novo conhecimento científico contrário à superioridade da produção cultural europeia.

Além da discriminação, a cultura negra deverá ser redirecionada. Em outras palavras, não pode abordar a história dos negros a partir da escravidão ou apresentar o continente africano estereotipado e exótico (animais selvagens, miséria, doenças, especialmente a

Aids). Por outro lado, os pontos positivos devem ser salientados: aprofundar as causas e consequências da dispersão dos africanos pelo mundo e abordar a história da África antes da escravidão; focar as contribuições dos africanos para o desenvolvimento da humanidade e as figuras ilustres que se destacaram nas lutas em favor do povo negro; a questão racial é assunto de todos e deve ser conduzida para a reeducação das relações entre descendentes de africanos, de europeus e de outros povos; reconhecer a existência do racismo no Brasil e a necessidade de valorização e respeito aos negros e à cultura africana.

Portanto, apesar da diferença no ambiente e nos preconceitos raciais no Reino Unido e no Brasil, a fortuna da Literatura Negra é foco de estudos acadêmicos. Enquanto no Reino Unido a Literatura Negra Britânica já constitui um conjunto importante de obras que ofusca a literatura de autoria branca, cuja temática vai desde o racismo e a exclusão até o multiculturalismo e a negociação de identidades, a Literatura Negra Brasileira, especialmente o romance, ainda está em fase de maturação. Ademais, o ensino desta literatura como disciplina nos Cursos de Letras e sua crítica merecem um desenvolvimento mais acurado e profundo diante do fato inegável da população miscigenada brasileira.

186

ABDALA JR. B. Mestiçagem e hibridismo, globalização e comunitarismos. In ABDALA JR. B. (org.). *Margens da cultura: Mestiçagem, hibridismo e outras misturas*. São Paulo: Boitempo, 2004, p. 9-20.

ALLARDICE, L. The Guardian Profile: Andrea Levy. *The Guardian*, 21st January 2005.

ANDERSON, B. *Comunidades imaginadas*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANIM-ADDO, J.; BACK, L. Black British Literature in British Universities: a 21<sup>st</sup> century reality. In *The Higher Education Academy. Newsletter Issue*. n.15 - October 2008 Egham, England. Disponível em <http://www.english.heacademy.ac.uk/explore/publications/newsletters/newsissue15/joanback.htm>, acesso 29.05.2009.

ASSIS DUARTE, E. Por um conceito de literatura afro-brasileira. In: *Terceira Margem* v. 14, n. 23, 2010, p. 113-138.

BALME, C. *Decolonizing the Stage: Theatrical Syncretism and Post-Colonial Drama*. Oxford: Clarendon, 1999.

BANTING, K.; KYMLICKA, W. Multiculturalism and Welfare. *Dissent*, v. 50, n. 4, 2003, p 59-66.

BEAUVOIR, S. de. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BENSON, E.; CONOLLY, L.W. *Encyclopedia of Post-Colonial Literatures in English*. Vol. I & II. London: Routledge, 1994.

BERND, Z. *Negritude e Literatura na América Latina*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987

BERND, Z. Negro, de personagem a autor. *Cadernos do Instituto de Letras*, Porto Alegre, v. 4, 1990, p. 25-28.

- BHABHA, H. *Nation and Narration*. London: Routledge, 1990.
- BHABHA, H. *O local da cultura*. Belo Horizonte: EdUFMG, 2003.
- BLAIR, P. H. *Roman Britain and Early Britain, 55 BC – 871 AD*. London: Sphere, 1969.
- BONNICI, T. *Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências*. Maringá: Eduem, 2007.
- BORGES DA SILVA, E. Mulheres negras: do umbigo para o mundo. Disponível em: <<http://www.mulheresnegras.org/pesquisa.html>>. Acesso em: 8 de junho de 2009.
- BOURNE, J. Racism, Postmodernism and the Flight from Class. In HILL, D.; McLaren, P.; Cole, M.; Rikowski, G. (org.) *Postmodernism in Educational Theory*. London: Tufnell Press, 1999, p.131-146.
- BRAH, A. *Cartographies of Diaspora: Contesting Identities*. London: Routledge, 2002.
- BROOKSHAW, D. *Raça e cor na Literatura Brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.
- CANADIAN MULTICULTURALISM ACT. Disponível em <http://laws.justice.gc.ca/en/C-18.7/text.html>. Acesso em 4 de maio de 2009.
- DABYDEEN, D.; GIMORE, J.; JONES, C. *Oxford Companion to Black British History*. Oxford: OUP, 2010.
- DALCASTAGNÈ, R. A personagem do romance brasileiro contemporâneo (1990-2004). *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 26, p. 13-71, 2005.
- DAWES, K. Negotiating the Ship on the Head: Black British Writing. In DESAY, K. (org.) *Write Black, Write British: From Postcolonial to Black British Literature*. Hertford: Hansib, 2005, p. 255-81.
- DEL PRIORE, M.; VENÂNCIO, R.P. *Ancestrais*. São Paulo: Campus, 2003.
- DERRIDA, J. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- EDWARDS, P. *The Early African Presence in the British Isles*. Occasional Papers, v. 26, n. 1, Centre of African Studies, Edinburgh University, 1990, p. 2-27.
- EDWARDS, P.; DABYDEEN, D. *Black Writers in Britain, 1760-1890*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1991
- FILE, N.; POWER, C., *Black Settlers in Britain 1555-1958*, London, 1981
- FRIEDMAN, S.S. *Mappings: Feminism and the Central Geographies of Encounter*. Princeton: PUP, 1998.
- FRYER, P. *Staying Power: A History of Black people in Britain*. London: Pluto Press, 1984.
- GATES JR., H.L.; McKAY, N. *The Norton Anthology of African American Literature*. New York: W.W. Norton, 1997.
- GAWTHROPE, J. Is English a Young, White, Female, Middle-Class Subject? *English Subject Centre Newsletter*, 13 October, 2007. Disponível em: <http://www.english.heacademy.ac.uk/explore/publications/newsletters/newsissue13/gawthrope.htm>. Acesso em 10.06.2009.
- GELLNER, E. *Nations and Nationalism*. Oxford: Basil Blackwell, 1983.
- GILBERT, H.; TOMPKINS, J. *Post-Colonial Drama: Theory, Practice, Politics*. London: Routledge, 1996.

- GILLET, L. Representations of Multicultural Society in Contemporary British Novels. In ECKSTEIN, L.; KORTE, B.; PIRKER, E.U.; REINFANDT, C. (org.). *Multi-Ethnic Britain 2000+*: New Perspectives in Literature, Film and the Arts. Amsterdam/New York: Rodopi, 2008, p. 99-108.
- GLAZER, N. *We are all multiculturalists now*. Cambridge (MA): Harvard UP, 1997.
- GRAY, P.; ALLIS, S.; BONFANTE, J. BOOTH, C. Whose America? *Time Magazine*, July 8, 1991, p. 12-20.
- GRILLO, R. *Pluralism and the Politics of Difference: State, Culture and Ethnicity in Comparative Perspective*. Oxford: Clarendon Press, 1998.
- GUNNING, D. *Race and Antiracism in Black British and British Asian Literature*. Liverpool: LUP, 2010.
- GUPTARA, P. *Black British Literature: An Annotated Bibliography*. London: Dangaroo, 1986.
- HALL, S. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- HARRIS, W. *The Womb of Space: The Cross-Cultural Imagination*. Westport: Greenwood, 1983.
- HEGEL, G.W.F. *Outlines of the Philosophy of Right*. Trad. T.M. Knox. New York: OUP, 2008.
- HUME, D. *A Treatise of Human Nature*. Buffalo: Prometheus Books, 1992.
- HUME, D. Of National Characters. In HUME, D. *The Philosophical Works of David Hume*, v. III, Boston: Little, Brown and Company, 1854.
- HUNTINGTON, S. P. *The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order*. New York: Simon & Schuster, 1996.
- IANNI, O. Literatura e consciência. *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, n. 15, 1988, p. 209-217.
- INSTITUTE OF RACE RELATIONS. Anti-racist not multicultural education: IRR statement to the Rampton Committee. *Race & Class*, v. 22, n. 1, 1980, p. 81-83.
- JAMES, W.; HARRIS, C. *Inside Babylon: The Caribbean Diaspora in Britain*. London: Verso, 1993.
- KAMEL, A. *Não somos racistas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- KANT, I. *Observations on the Feeling of the Beautiful and Sublime*. Trans. John T. Goldthwait. Berkeley: University of California Press, 2003.
- KYMLICKA, W. *Multicultural Citizenship: A Liberal Theory of Minority Rights*. Oxford: Clarendon Press, 1995.
- LEE, V. Testifying Theory: Womanist Intellectual Thought. *Women: A Cultural Review*, v. 6, n. 2, 1995, London, p. 200-206.
- LESTER, A. The Home Office Again. In ADONIS, A.; THOMAS, K. *Roy Jenkins: A retrospective*. Oxford: OUP, 2004, p 141-164.
- MacKEITH, L. *Local Black History – a beginning in Devon*. Devon: Archives and Museum of Black History, 2003.
- MACPHERSON, W. (1999) *The Stephen Lawrence Inquiry: Report of an Inquiry by Sir William Macpherson of Cluny*. London: The Stationery Office. 1999. Disponível em <http://www.official-documents.co.uk/document/cm42/4262/4262.htm>. Acesso em 13 de maio de 2009.
- MALIK, K. Mistaken Identity. *New Humanist*, v. 123, n. 4, 2008, p. 15-17.

- MAMA, Amina. Black Women and the Police: A Place where the Law is not Upheld. In JAMES, W.; HARRIS, C. *Inside Babylon: The Caribbean Diaspora in Britain*. London: Verso, 1993, p. 135-151.
- McLEOD, J. *Postcolonial London: Rewriting the Metropolis*. London: Routledge, 2004.
- MENDES, M.G. *A personagem negra no teatro brasileiro – 1838-1888*. São Paulo: Ática, 1982.
- MODOOD, T. *Multiculturalism: A Civic Idea*. Cambridge: Polity Press, 2007.
- MODOOD, T. *Multicultural Politics: Racism, Ethnicity and Muslims in Britain*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2005.
- MOORE, M. Gladiator burial ground discovered in York. *The Telegraph*, 7<sup>th</sup> June 2004.
- MOTA, L.T.; SOARES DE ASSIS, V. *Populações indígenas no Brasil: Histórias, culturas e relações interculturais*. Maringá: Eduem, 2008.
- NEWFIELD, C.; GORDON, A.F. *Mapping Multi-Culturalism*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.
- O GLOBO. Intelectuais lançam manifesto contra cotas. *O Globo*, 30 de junho de 2006.
- OLIVER, R.; FAGE, J.D. *A Short History of Africa*. Harmondsworth: Penguin, 1977.
- PAREKH, B. What is Multiculturalism? Disponível em <http://www.india-seminar.com/1999/484/484%20parekh.htm>. Acesso em 05 de maio de 2009.
- PHILLIPS, C. Kingdom of the Blind. *The Guardian*, 17 July 2004.
- PROCTER, J. (ed.). *Writing Black Britain, 1948-1998*. Manchester: MUP, 2000.
- PROENÇA FILHO, D. A trajetória do negro na literatura brasileira. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 50, 2004, p. 161-193. (texto ampliado e atualizado do original publicado na *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, n. 25, 1997, 159-177).
- REWT, P. Black Writers in Britain. In BENSON, E.; CONOLLY, L.W. (org.). *Encyclopedia of Post-colonial Literature in English*. London: Routledge, 1994, p. 128-130.
- RODRIGUES, A. D. *Línguas brasileiras*. São Paulo: Loyola, 1994.
- SAID, E. *Humanism and Democratic Criticism*. Houndmills: Palgrave Macmillan, 2004.
- SAID, E. *Orientalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- SAMPSON, G. *The Concise Cambridge History of English Literature*. Cambridge: CUP, 1979.
- SANTIAGO, S. *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- SANTOS, C. R.; WIELEWICKI, V.H.G. Literatura de autoria de minorias étnicas e sexuais. In BONNICI, T.; ZOLIN, L.O. *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem, 2009, p. 337-354.
- SCHLESINGER, A. The Cult of Ethnicity, Good and Bad. *Time Magazine*, July 8, 1991, p. 21.
- SCHLESINGER, A. *The Desuniting of America*. London: Penguin, 1992.
- SCHWARCZ, L. M. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

- SHERWOOD, M. Africans in Britain 2000 years ago. *New African*. London: IC Publications. Oct 2010. Disponível em [http://findarticles.com/p/articles/mi\\_qa5391/is\\_201010/ai\\_n56229463/](http://findarticles.com/p/articles/mi_qa5391/is_201010/ai_n56229463/) Acesso em 12 de dezembro de 2010.
- SHILS, E. A Nation, Nationality, Nationalism and Civil Society. *Nations and Nationalism*, v. 1, n.1, 2004, p. 93-118.
- SILVA, L. (Cuti). O Leitor e o Texto Afro-Brasileiro. Em <http://www.cuti.com.br>, acesso 3 de julho de 2009.
- SLACK, P., *Poverty & Policy in Tudor & Stuart England*, London, 1995
- SPIVAK, G. Diasporas old and new: Women in the transnational world. *Textual practice*, v. 10, n. 2, 1996, p. 245-269.
- WALVIN, J., *Black and White: The Negro and English Society, 1555-1945*, London, 1973
- SPIVAK, G. The Rani of Simur. In BAKER, F. (ed.) *Europe and its others*. Colchester: University of Essex Press, 1985, p. 128-151.
- ST. JEAN DE CRÈVECOEUR, M-G. Letters from an American Farmer. In PERKINS, G.; BRADLEY, S.; BEATTY, R.C.; LONG, E.H. *The American Tradition in Literature*. Vol.1 New York: Random House, 1985, p. 209-217.
- STEIN, M. *Black British Literature: Novels of Transformation*. Columbus: Ohio State University Press, 2004.
- TAYLOR, C. The Politics of Recognition. In GUTMANN, A. (ed.). *Multiculturalism and the Politics of Recognition*. Princeton: PUP, 1992, 25-74.
- TODOROV, T. *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- UNESCO. Multiculturalism: A Policy Response to Diversity. Paper prepared on the occasion of the “1995 Global Cultural Diversity Conference”, 26-28 April 1995, and the “MOST Pacific Sub-Regional Consultation”, 28-29 April 1995, Sydney, Australia, 1995. Disponível em <http://www.unesco.org/most/sydpaper.htm>. Acesso em 3 de maio de 2009.
- VAN DIJK, T.A. *Racismo e discurso na América Latina*. São Paulo: Contexto, 2008. WAKELING, P. White Faces, Black Faces: Is British Sociology a White Sociology? *Sociology*, Durham, v. 41, n. 5, 2007, p. 945-960.
- WAMBO, O. Black British Literature since Windrush. Disponível em [http://www.bbc.co.uk/history/british/modern/literature\\_01.shtml](http://www.bbc.co.uk/history/british/modern/literature_01.shtml), acesso em 02 de maio de 2009.
- WOOD, D.; BERNASCONI, R. (org.) *Derrida and 'Différance'*. Evanston: Northwestern University Press, 1988.
- WYNTER, S. Beyond Miranda's Meanings: Un/Silencing the 'Demonic Ground of Caliban's Woman'. In BOYCE DAVIES, C.; FIDO, E.S. *Out of the Kumbla: Caribbean Women and Literature*. New Jersey: Africa World Press, 1990, p. 355-372.
- YODER, Carolyn P. (org.). *George Washington: A Treasury of Letters, Diaries, and Public Documents*. Honesdale PA: Boyds Mills Press, 2003.
- YOUNG, I.M. *Justice and the Politics of Difference*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1990b. YOUNG, R. *Desejo colonial: Hibridismo em teoria, cultura e raça*. São Paulo: Perspectiva, 2005.